

OS BRINCOS

Maura Ferreira Fischer

FECHOU O REGISTRO DO CHUVEIRO. O banheiro estava repleto de uma espessa nuvem de vapor que não permitia enxergar um palmo à frente. Havia tomado um banho quente de quarenta minutos, talvez mais. Logo ela que sempre usara shampoo e condicionador na versão 2 em 1. Era mais cômodo e mais rápido. Não tinha tempo pra lavar os cabelos em duas etapas, muito menos “repetir a operação”, como invariavelmente recomendavam os rótulos dos frascos.

Envolveu o corpo com a toalha felpuda que ainda exalava o cheiro de amaciante. Passou a mão no espelho numa expectativa frustrada de vislumbrar seu reflexo. Rumou rapidamente em direção à porta que dava para o quarto. Poderia fazê-lo mesmo de olhos fechados, pois morava ali há muito tempo.

O vestido preto que usaria fora cuidadosamente passado e estava sobre cama. Ainda assim alisou-o mais uma vez antes de vesti-lo. Enquanto sentia o toque suave do tecido em sua pele, se perguntou porque continuava ocupando apenas o lado direito do leito, se já dormia sozinha ali há oito meses. Força do hábito, concluiu. Afinal, condicionara-se a tanto por mais de trinta anos.

Não conseguia acreditar que depois de tanto tempo seu casamento havia acabado de um modo tão clichê. Sim, ele a deixara por uma mulher mais jovem, mais bonita e – porque não? – mais esperta também. Cheli. Não Michele, só “Cheli” mesmo.

Deus, de onde saíra aquele nome?

Não, não era a secretária dele. A situação era ainda pior. Era a estagiária do escritório, a quem a vaga fora concedida por intermédio seu, a pedido da filha do meio. Eram amigas da faculdade. A moça pertencia à geração “Z” e ostentava isso como se fosse um título de nobreza do qual se orgulhava. Algo poderia ser mais humilhante?

Sentada em frente à antiga penteadeira de mogno, na tentativa de afastar aqueles pensamentos, aplicou o batom vermelho com um pouco mais de força do que o necessário. Um pouco de base e corretivo para disfarçar as marquinhas ao redor dos olhos. Uma sombra leve e rímel pra finalizar. Sem delineador. Não queria que qualquer excesso a fizesse parecer vulgar.

Penteou os cabelos. Ensaçou um penteado, mas acabou deixando-os soltos. Borrifou só um pouquinho de perfume nos pulsos, que esfregou no pescoço, logo atrás das orelhas. Dessa vez o perfume escolhido era amadeirado, diferente daquele de aroma doce e meio nauseante que lembrava jasmim, com o qual o marido a presenteava a cada dia dos namorados, mesmo que o frasco anterior ainda estivesse praticamente intacto.

Abriu a caixinha em madrepérola que guardava como uma relíquia na primeira gaveta do móvel. As poucas joias contidas ali pareciam quase todas iguais. Discretos brincos de pérola, alguns cordões de ouro com pequenos pingentes, poucos anéis sem grandes adornos e a aliança. Essa sim de aro um pouco mais grosso que os demais.

Reparou que a marca ainda estava gravada em seu dedo: um indelével contorno pálido e levemente profundo. Tentou concentrar-se nas unhas recém feitas. Nada parecia combinar. Vasculhou um pouco mais e os encontrou ali esquecidos: eram argolas prateadas de tamanho mediano, cravejadas de pedrinhas

pretas. “Zircônias”, dissera o vendedor. Não desejava comprá-las, ainda mais por aquele preço que considerava exorbitante.

Naquela ocasião estava apenas olhando a vitrine, matando o tempo enquanto esperava as crianças saírem do cinema. O vendedor a convenceu a entrar. Não custava dar mais uma olhadinha. Ele foi tão solícito mostrando-lhe dezenas de peças e explicando os detalhes de cada uma que, constrangida, acabou apontando para aquele par de brincos quando perguntada sobre qual gostaria de levar. Saiu da loja carregando uma sacola, cujo tamanho era diametralmente oposto ao da culpa que sentia. Teria que fazer cortes importantes nas compras de mercado do mês. Resultado de sua total incapacidade de dizer não.

Colocou as argolas nas orelhas. Seriam perfeitas para aquela noite. Calçou os *scarpins* de couro e começou a descer as escadas. A campainha tocou pontualmente no horário combinado. Naquele momento decidiu que dali por diante jamais diria sim, quando em verdade quisesse dizer não. Decidiu, ainda, que na manhã seguinte acordaria do lado esquerdo da cama. Talvez com os pés voltados para a cabeceira.

MAURA FERREIRA FISCHER

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, pós-graduada em Direito do Estado, Servidora Pública do Judiciário e Escritora. Nasceu no Rio Grande do Sul, onde mora, entre o caos da cidade grande e a paz do campo, com o marido, as duas filhas e uma gatinha caolha. Ama cinema e literatura. Atualmente escreve contos e crônicas, caracterizados principalmente pelas protagonistas mulheres.